



ESCOLA SECUNDÁRIA DE LOUSADA

Prova Escrita de Português

Ano de Escolaridade: 12º

Grupo I

Leia atentamente o texto que se segue e responda ao questionário.

I

O meu olhar é nítido como um girassol.
Tenho o costume de andar pelas estradas
Olhando para a direita e para a esquerda,
E de vez em quando olhando para trás...
E o que vejo a cada momento
É aquilo que nunca antes eu tinha visto,
E eu sei dar por isso muito bem...
Sei ter o pasmo essencial
Que tem uma criança se, ao nascer,
Reparasse que nascera deveras...
Sinto-me nascido a cada momento
Para a eterna novidade do mundo...

Creio no mundo como num malmequer,
Porque o vejo. Mas não penso nele
Porque pensar é não compreender...

O mundo não se fez para pensarmos nele
(Pensar é estar doente dos olhos)
Mas para olharmos para ele e estarmos de acordo...

Eu não tenho filosofia: tenho sentidos...
Se falo na Natureza não é porque saiba o que ela é,
Mas porque a amo, e amo-a por isso,
Porque quem ama nunca sabe o que ama
Nem sabe por que ama, nem o que é amar...

Amar é a eterna inocência,
E a única inocência é não pensar...

Alberto Caeiro

1 Este poema fala-nos da atitude do sujeito lírico perante o mundo e as coisas que o rodeiam.

I.1. Divida o poema em partes e sintetize o assunto de cada uma.

2 Ver com os olhos e não com a mente parece ser a tese do sujeito.

2.1. Justifique, com palavras do texto, a recusa do pensamento.

3 Comente a relação entre a presença da criança e a crença na eterna novidade das coisas.

4 Identifique os recursos estilísticos e o seu valor expressivo nos quatro primeiros versos.

5 Comente os dois versos finais:

*Amar é a eterna inocência,
E a única inocência é não pensar...*

Grupo II

Num texto bem estruturado, de 100 a 200 palavras, comente a afirmação a seguir transcrita, fundamentando-se na leitura de textos de Álvaro de Campos.

Álvaro de Campos, incorporando todas as possibilidades sensoriais e emotivas, apresenta-se entre o paroxismo da dinâmica em fúria e o abatimento sincero, mas quase absurdo.

Grupo I

- 1.1. DIVISÃO EM PARTES – O poema admite uma divisão em três partes, apesar de serem possíveis outras subdivisões.
- Na primeira parte (constituída pelos doze versos iniciais), caracteriza o seu “olhar” e põe em evidência uma atitude deambulatória (vv. 3-4) de descoberta de “eterna novidade do mundo”. Daí, a reacção do sujeito lírico que vê “a cada momento” aquilo que nunca antes tinha visto.
 - A segunda parte (do verso 13 ao verso 18) apresenta a sua posição sobre a compreensão do mundo, afirmando a rejeição do pensamento (v. 17) e a crença absoluta apenas naquilo que vê (vv. 13-14).
 - Na terceira parte (versos 19 a 25), o sujeito poético assume a atitude de sensacionista objectivo, amando a Natureza (“Se falo na Natureza não é porque saiba o que ela é, / Mas porque a amo, e amo-a por isso”), vivendo de acordo com ela, na sua simplicidade e paz. Explica que só os sentidos permitem compreender e amar a Natureza e tudo o que nos cerca.
- 2.1. RECUSA DO PENSAMENTO – O sujeito poético recusa o pensamento metafísico (“Eu não tenho filosofia: tenho sentidos...”), afirmando que “pensar é estar doente dos olhos”. Se a cada momento soubérmos ver, não temos necessidade de pensar. Assumindo a recusa da Natureza intelectualizada (evitando, assim, a dor de pensar que incomoda o ortónimo), adere totalmente ao que capta pelos sentidos (sensacionismo). Esta atitude antimetafísica surge também claramente expressa (através da adversativa *mas* e do advérbio de negação repetido) nos versos 13-15: “Creio no mundo como num malmequer, / Porque o vejo. Mas não penso nele / Porque pensar é não compreender...”
3. RELAÇÃO CRIANÇA/NOVIDADE DAS COISAS – A imagem da criança simboliza a inocência, a simplicidade, a ingenuidade e a capacidade de se entusiasmar perante as novidades que o mundo lhe vai oferecendo (como o que vimos antes não fica na memória, hoje encontramos novas realidades para observar). A criança, desde o momento em que nasce, começa a reparar nas coisas e no mundo. Ela sabe ver, sem ter necessidade de pensar. Tudo surge como novidade. Aos olhos da criança, a realidade é captada com surpresa, com “pasma”. Assim, se não intelectualizarmos a realidade e se a observarmos com olhos de criança, sentiremos o mesmo espanto e ficaremos surpreendidos com a “eterna novidade do mundo”. O sujeito poético também se apresenta como a criança que a cada momento se maravilha com o que vê.
5. COMENTÁRIO AOS VERSOS FINAIS – O amor acontece, não se pensa. Quem ama sabe que ama, mas não reflecte sobre se deve ou não amar. Amar é “eterna inocência”, porque, ao sentir-se, não há filosofia ou pensamento metafísico que consiga fazer brotar ou encontrar as razões da sua direcção e do seu porquê. É esta inocência que deve ter quem quer compreender o mundo e as coisas. Não há que buscar pensamentos metafísicos nem para o amor nem para saber ver. Daí que a “única inocência é não pensar...” E se “Amar é (...) não pensar...”, só poderemos amar verdadeiramente a Natureza, a realidade que nos circunda, se não pensarmos. Devemos, pois, captar pelos sentidos, mas com a simplicidade e a inocência dos olhos da criança.

Grupo II

Como refere a afirmação, Álvaro de Campos situa-se entre o excesso da dinâmica em fúria e o abatimento, visto que o seu drama reside numa espécie de frustração total, feita de incapacidade de unificar em si pensamento e sentimento, mundo exterior e mundo interior. Tal como o seu criador (Fernando Pessoa), revela a mesma incapacidade de adaptação à existência, e a mesma demissão da personalidade íntegra.

Serve-se da máquina, irracional e exterior, para projectar os seus sonhos e desejos, materializando-se, até, quando deseja poder exprimir-se todo “como um motor se exprime” e “ser completo como uma máquina” (“Ode Triunfal”). Para tal, incorpora “todas as possibilidades sensoriais”, numa totalização das sensações, à maneira de Walt Whitman. Pretende “sentir tudo de todas as maneiras”, de modo a ultrapassar a fragmentaridade numa “histeria de sensações”. A perfeição e a força da máquina são compensações para os seus próprios fracassos e recalcamientos, para a sua inadaptação.

Todavia, Campos passa desta fase eufórica para uma disfórica, revelando-se decaído, melancólico, apontando a infância como símbolo de felicidade perdida, como o testemunha o poema “Lisbon revisited”, de 1923.